

O ETERNO PLANO DA REDENÇÃO

Pr. Albino Marks

Somente à luz da visão do grande conflito cósmico espiritual é possível compreender que as Escrituras Sagradas constituem a mensagem de amor, graça e esperança para o ser humano. As suas predições proféticas constituem a revelação do desdobramento do grande conflito cósmico e do “*eterno plano redentor*” de Deus para o conhecimento do ser humano, escravo de Satanás e do pecado. Conhecendo o plano e aceitando-o pela fé, o ser humano recebe vida eterna pela graça por meio da morte substituta de Cristo Jesus.

Portanto, as profecias bíblicas precisam ser compreendidas e interpretadas com o foco no grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás e no “*eterno plano da salvação*”: “*Eu predisse há muito as coisas passadas. Minha boca as anunciou, e Eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram*” (Is 48:3, NVI).

Essa declaração do Soberano do Universo no0s conduz para a conclusão de que quem determina a história da humanidade é o Deus eterno: Ele p0rediz os acontecimentos por meio de Seus profetas e em chegando o tempo determinado, por meio de indivíduos e nações faz as predições acontecer.

A Bíblia, então, como revelação da verdade de Deus, deve conter seus próprios princípios de interpretação. Esses princípios podem ser encontrados no estudo de como seus escritores a utilizaram e foram guiados por ela, quando permitiram que ela interpretasse a si mesma” (Frank M. Hasel, Lição da Escola Sabatina, com comentários, segundo trimestre, professor, 2020, p. 11).

Agindo por meio do poder dos Seus atributos de onipotência, onisciência, onipresença e presciência, Deus determinou todos os acontecimentos no desenvolvimento do grande conflito cósmico e do *“eterno plano da salvação”*, no aniquilamento de Satanás e da temporalidade do pecado em nosso mundo. Previu também todas as escaramuças de Satanás para desviar a mente dos seres humanos da Sua superabundante graça, do Seu incomensurável amor e da Sua infinita justiça. O poder de previsão desses atributos, explicam e justificam porque Deus nunca é colhido de surpresa por qualquer astuta artimanha do inimigo. Todos os acontecimentos estão previstos e se encontram sob o Seu perfeito controle.

A história bíblica relata todos os fatos a partir desta perspectiva: todos os acontecimentos, quer espirituais quer temporais, tiveram e terão lugar sob o inteiro controle de Deus. Por meio dos Seus profetas predizia acontecimentos, e então, quando os fazia acontecer durante o tempo canônico, os próprios profetas os relatavam como parte integrante do cumprimento do plano da salvação. Quando as predições ultrapassam esse tempo, as orientações de Deus nas Escrituras Sagradas determinam como compreender e interpretar o seu cumprimento, relacionadas com o *“eterno plano da salvação”*.

O profeta Daniel predisse, por revelação divina, para o rei Nabucodonosor a queda do império Neobabilônico e teve a oportunidade de testemunhar o cumprimento de sua predição. Mas também predisse a sucessão dos reinos e nações depois da Babilônia, que precisam ser compreendidos e interpretados como parte do eterno programa de Deus.

“Deus possuía conhecimento dos eventos futuros, antes mesmo da criação do mundo. Ele não adaptou Seus propósitos para que estes se amoldassem às circunstâncias, mas permitiu que as coisas se desenvolvessem. Não agiu para que certas condições surgissem, mas sabia que elas ocorreriam. O plano que se colocaria em ação no caso de se rebelar alguma das elevadas inteligências celestiais – este era o segredo, o mistério oculto desde as eras passadas. Um oferecimento foi preparado pelos eternos propósitos, para realizar o próprio trabalho que Deus empreendeu em favor da humanidade caída” (VA, p. 17).

Como Deus, em Sua presciência conhece todo o passado e todo o futuro, conhece todas as escaramuças de Satanás que são realizadas por meio de instrumentos humanos, nações ou seres humanos, registradas pelos historiadores humanistas como grandiosos acontecimentos heroicos da história da humanidade, apenas em sua transitoriedade, sob o domínio da temporalidade do pecado, não constituem imprevistos para Deus e, portanto, não requerem improvisos para solucionar emergências. Ele declara de modo inquestionável: *“Eu crio a luz e a escuridão. Eu controlo todos os acontecimentos, os bons e os maus. Eu, o Senhor, é que faço todas essas coisas” (Is 45:7. BV).*

Os historiadores humanistas, desconhecendo o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, não conseguem perceber o verdadeiro centro de todos os acontecimentos: Cristo realizando o *“eterno plano da salvação”* do ser humano por meio da Sua morte substituta e a restauração do planeta Terra ao Seu Reino eterno com o glorioso acontecimento da Sua segunda vinda como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

“Ao longo de séculos de perseguição, conflito e trevas, Deus tem amparado Sua igreja. Nenhuma dificuldade veio sobre ela, para a qual Ele não estivesse preparado; nenhuma força oponente surgiu para impedir Sua obra, que Ele não houvesse previsto. Tudo aconteceu como Ele predisse. O Senhor não deixou Sua igreja desamparada. Por meio de profetas, Ele revelou o que deveria ocorrer, e aquilo que Seu Espírito inspirou os profetas a predizer tem se realizado. Todos os Seus propósitos serão cumpridos. Sua lei está vinculada ao Seu trono e nenhum poder do mal pode destruí-la. A verdade é inspirada e guardada por Deus, e ela triunfará sobre toda oposição” (AA, p. 11, 12).

“Ele executou aquilo que Seu Santo Espírito inspirara os profetas a predizerem. Todos os Seus desígnios se cumprirão e serão estabelecidos. Sua lei acha-se ligada ao Seu trono, e os agentes satânicos aliados com instrumentos humanos não a podem destruir. A verdade é inspirada e guardada por Deus; ela viverá e vencerá, embora pareça as vezes sobrepujada. O evangelho de Cristo é a lei exemplificada no caráter. Os enganos praticados contra ela, toda invenção para vindicar a falsidade, todo erro forjado por instrumentos satânicos, serão finalmente para sempre destruídos, e a vitória da verdade será como o surgimento do Sol ao meio-dia” (ME, v. 2, p. 108).

As profecias bíblicas e o cumprimento dos seus acontecimentos preditos, iluminam como um farol toda a história da humanidade, tanto para o passado como para o futuro. Por que, então, os historiadores humanistas que buscam com muito esforço ordenar os acontecimentos da história da humanidade, não aceitam

os fatos históricos registrados nas Escrituras Sagradas, confirmando-os como verdadeiramente acontecidos?

A compreensão das palavras dos profetas (2Pe 1:19), não faz parte dos objetivos de Satanás. Seria realmente surpreendente Satanás demonstrar interesse em tornar conhecido e propagar o desenvolvimento do plano da salvação, sua derrota no grande conflito contra Cristo e seu total aniquilamento.

Esta declaração deve soar estranha, porque a maioria das pessoas desconhece o conflito espiritual e moral entre Cristo e Satanás. No entanto, quer queiramos quer não, em face deste grande conflito, ou estamos do lado de Deus ou do lado do inimigo.

No contexto do grande conflito cósmico de conceitos espirituais e do plano da salvação, não são os acontecimentos provocados pelas escaramuças de Satanás que determinam a verdadeira história da humanidade, mas são as profecias bíblicas que determinam a realidade da sequência dos acontecimentos de sua história.

Também não são os acontecimentos da história da humanidade que determinam o cumprimento das profecias bíblicas, mas são as profecias bíblicas que Deus faz acontecer no tempo exato predito, que determinam os acontecimentos da história da humanidade. Os pequenos acontecimentos que são atribuídos como feitos heroicos, a nações e façanhas de seres humanos, não interferem no grande plano de Deus.

“Assim como as rodas com aparência tão complicada [mostradas a Ezequiel] estavam sob o comando da mão por baixo das asas dos querubins, também o complicado jogo dos acontecimentos humanos está sob o controle divino. No meio das

lutas e tumultos das nações, Aquele que Se assenta sobre os querubins continua a conduzir os assuntos da Terra” (PR, p. 312).

Gênesis, o revelador do grande conflito e do eterno plano da salvação

Algumas questões são fundamentais e irrevogáveis para a compreensão e interpretação correta das predições das Escrituras Sagradas.

Como em primeiro plano, as Escrituras Sagradas revelam a questão mais importante: *“o Deus eterno, único, incomparável”* (Dt 33:27, Is 46:9, 40:25), Criador e Mantenedor do Universo, é inquestionável compreender e aceitar que os primeiros capítulos de Gênesis constituem a revelação do esboço do que aconteceu no planeta Terra sob o domínio da eternidade de Deus, de Cristo Jesus e do Espírito Santo. Os dois primeiros capítulos revelam como a Trindade, pelo poder da Sua palavra, transformou o planeta em um exuberante e lindo jardim e nele colocando o ser humano como o seu administrador.

As Escrituras Sagradas declaram que negar a existência do Deus eterno, único, incomparável, é atitude de tolos: *“diz o tolo em seu coração: ‘Deus não existe’”* (Sl 14:1, N VI).

Estribados nesse fundamento, compreender que no capítulo três de Gênesis, as Escrituras Sagradas relatam a queda de Adão, com o conseqüente início, no planeta Terra, da temporalidade do pecado e do ser humano, *“destituído da glória de Deus”* (Rm 3:23), perdendo, por causa da desobediência, o direito à eternidade concedida por Deus

Compreender que com a queda de Adão, Gênesis revela que o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, passou a desenvolver-se no planeta Terra, no entanto, os acontecimentos que nele ocorrem não se limitam ao pequeno espaço do planeta, em suas consequências, mas alcançam o Universo; revela o *“eterno plano da salvação”*, que, para a solução do grande conflito em escala universal, exigiu o envolvimento do centro do Universo, o trono de Deus, com o *“mistério [...] mantido oculto em Deus”* (Ef 3:9, NVI), revelando a Sua justiça incompreensível e o Seu amor sem limites, na encarnação do divino no humano e na morte sacrifício paradoxal de Cristo Jesus, que se fez Deus-homem;

“O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação ‘do mistério encoberto desde tempos eternos’. Foi um desdobramento dos princípios que têm sido, desde os séculos da eternidade, o fundamento do trono de Deus” (DTN, p. 22).

Com essa visão dos três primeiros capítulos de Gênesis, compreende-se que toda a Escritura que segue é o desdobramento do esboço, detalhando a sequência da realização do *“eterno plano da salvação”*, que foi previsto e estabelecido por Deus *“antes da criação do mundo”* (2Pe 1:20, NVI). A sua realização fundamenta-se nas profecias das Sagradas Escrituras, na cadeia genealógica humana de Jesus e em todos os ritos e símbolos do santuário entregue ao povo de Israel, trazendo como pilar as revelações de Gênesis 3:15.

Nessa compreensão, todos os acontecimentos históricos contidos nos relatos das Sagradas Escrituras, com destaque do povo de Israel, desde a sua formação com o chamado de Deus para

Abraão, prometendo fazer a partir dele uma grande nação que deveria revelar para o mundo o Seu caráter e os Seus propósitos: *“por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”* (Gn 12:3, NVI), são protótipos do grande conflito espiritual, revelando o verdadeiro caráter e propósitos de Deus e de Satanás.

O período que relaciona os acontecimentos ao planeta Terra, foi determinado por Deus para a perfeita e incontestável revelação do caráter e propósitos de Deus e de Satanás, perante todo o Universo, para definir o julgamento inquestionável de quem é Deus e quem é Satanás. Esse julgamento determinará de maneira definitiva que não se levantará segunda vez a angústia. (Na 1:9).

As Escrituras Sagradas, não são, portanto, escritos de autores humanos, relatando os acontecimentos como produto da interferência de seres humanos ou pelas forças imprevisíveis da natureza, mas as autênticas e inquestionáveis revelações do Deus eterno, tornando-as realidade no tempo determinado. Ponto final.

As revelações de Gênesis 3:15

Gênesis 3:15, define o inquestionável objetivo das Escrituras Sagradas, como uma síntese da linha mestre profética histórica do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, predizendo o desenvolvimento do *“eterno plano da salvação”* e tudo o que aconteceu e acontecerá até o fim do tempo determinado para Satanás, seus demônios, pecadores rebeldes e o pecado: *“porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”* (NVI).

“Esta sentença, proferida aos ouvidos de nossos primeiros pais, foi para eles uma promessa. Ao mesmo tempo que predizia guerra entre o ser humano e Satanás, declarava que o poder do grande adversário finalmente seria aniquilado” (PP, p. 41).

Esse glorioso acontecimento tem hora marcada no eterno cronograma de Deus: *“Pois o fim só virá no tempo determinado”* (Dn 11:27, NVI).

Como o centro das predições proféticas, desde a predição fundamento de Gênesis 3:15, é a vinda do *“Ungido”* o *“Príncipe dos Céus”* (Dn 9:25), o *“Deus eterno”*, em Sua natureza divina, elas precisam estabelecer perfeita harmonia com a genealogia humana de Jesus, também predita em Gênesis 3:15, como *“o Descendente da mulher”*, o *“Filho do homem”*, em Sua natureza humana e com todos os serviços típicos do santuário, que têm o seu alicerce no Substituto revelado em Gênesis 3:15, para identificá-Lo como o verdadeiro Messias, o Cristo, o Príncipe do Céu, o Descendente da mulher e o Cordeiro de Deus, para reconquistar o domínio perdido para Satanás (Dn 7:13, 14),

Em Sua natureza humana, o Messias sofreu a sentença de condenação do culpado transgressor, cumprindo a justiça eterna de Deus exigida pela lei; manifestou o ilimitado amor de Deus na superabundância da graça do Cordeiro morto, provendo a salvação para todo aquele que nEle crer, e derrotou a Satanás; em Sua natureza divina, aniquilará Satanás, todos os demônios, todos os pecadores rebeldes e impenitentes e a temporalidade do pecado em nosso planeta, e restabelecerá *“o primeiro domínio”* (Mq 4:8, ARA), Seu Reino, que *“será um Reino eterno”*, a herança dos santos do Altíssimo (Dn 7:26, NVI).

Com a revelação do plano da superabundância da graça, predizendo a execução da justiça no Substituto divino feito ser humano; na dádiva da graça por amor, e na destruição dos obstinados e irreconciliáveis rebeldes, pela semente da mulher: *“Ela te esmagará a cabeça”* (Gn 3:15, BJ), e assim resgatando o prisioneiro do seu poder, Satanás compreendeu sua condenação e destruição.

Entretanto, ele não desistiu de sua ideia de ser *“como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI). Foi somente com a morte sacrifício e a ressurreição vitoriosa de Jesus, que Satanás entendeu o seu aniquilamento: *“quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás triunfou. Ousou acreditar que o Salvador não viveria novamente. [...] Quando viu Cristo sair em triunfo, compreendeu que seu reino chegaria ao fim e que ele finalmente morreria”* (DTN, p. 782).

O profeta Ezequiel predizendo a derrota e destruição completa de Satanás, proferiu o vaticínio: *“por meio dos seus muitos pecados e do seu comércio desonesto você profanou os seus santuários. Por isso fiz sair de você um fogo, que o consumiu, e reduzi você a cinzas no chão, à vista de todos os que estavam observando. Todas as nações que o conheciam espantaram-se ao vê-lo; chegou o seu terrível fim, você não mais existirá”* (Ez 28:18, 19, NVI).

“Cristo diz: ‘Todos os que me aborrecem amam a morte’. Deus lhes dá existência por algum tempo, a fim de poderem desenvolver seu caráter e revelar seus princípios. Feito isso, receberão os resultados de sua própria escolha. Por uma vida de rebelião, Satanás e todos quantos a ele se unem colocam-se em tamanha desarmonia com Deus, que Sua própria presença lhes é um fogo consumidor. A glória daquele que é amor os destruirá” (DTN, p. 764).

Desconhecendo o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, o eterno plano da salvação e as profecias das Escrituras Sagradas determinando os acontecimentos, os estudiosos e historiadores humanistas qualificam o relato de Gênesis 1 a 11, como ficção sem sentido e, portanto, sem valor histórico. Do período determinado por Deus para a temporalidade de Satanás e do pecado, desde a queda de Adão até a segunda vinda de Jesus, registram apenas as escaramuças realizadas por Satanás, por meio de nações e seres humanos, sem compreender o seu real significado e o denominam de história da humanidade.

Duas questões mais, são cruciais para a correta compreensão e interpretação das predições proféticas: a aplicação do princípio bíblico de interpretação profética, do dia/ano, e o simbolismo dos personagens envolvidos nas predições.

Desconhecer ou rejeitar estes princípios de interpretação de autoria divina, iluminando todo conteúdo profético histórico da história sagrada do programa redentor de Deus, conduz irremediavelmente para interpretações equivocadas.

O Princípio Bíblico do Dia Ano.

No contexto do grande conflito entre o bem e o mal, a história temporal da humanidade não é determinada pelas realizações dos seres humanos, mas pelas predições de Deus, revelando *“o seu plano aos seus servos, os profetas”* (Am 3:7, NVI), anunciando a sequência dos acontecimentos e fazendo-os acontecer: *“Eu predisse há muito as coisas passadas, minha boca as anunciou, e eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram”* (Is 48:3, NVI).

Portanto, para compreender os relatos das Escrituras Sagradas é preciso compreender os parâmetros estabelecidos por Deus para as Suas predições anunciando acontecimentos futuros.

Como Deus explica nas Escrituras Sagradas a Sua maneira de agir, analisemos declarações Suas que lançam luz sobre o princípio de interpretação dos períodos proféticos, à luz do dia/ano.

Israel havia chegado a Cades-Barnéia, ao sul dos limites da terra de Canaã. Deviam tomar posse da terra prometida. Enviaram expias para avaliar as possibilidades de êxito. O relatório de dez expias foi desalentador e o povo foi convencido de que a conquista era impossível. A incredulidade conduziu-o à rebelião. Deus fez essa predição: *“Durante quarenta anos vocês sofrerão a consequência dos seus pecados e experimentarão a minha rejeição; cada ano corresponde a cada um dos quarenta dias em que vocês observaram a terra”* (Nm 14:34, NVI).

Em razão da sua incredulidade e rebelião em Cades-Barnéia, Deus predisse para os israelitas um período de tempo de espera para receber como herança a terra prometida. Teriam de completar quarenta anos de permanência no deserto, até o desaparecimento, pela morte, de toda a geração que duvidou do poder de Deus. *“Pois eles não creram em Deus nem confiaram no seu poder salvador”* (Sl 78:22, NVI).

Essa é uma profecia de período de tempo, e com ela Deus estabelece e define o princípio de interpretação das profecias bíblicas que determinam períodos de tempo: um dia profético equivale a um ano literal.

O mesmo princípio do dia/ano é encontrado em Ezequiel 4: *“e carregue a iniquidade da nação de Judá, durante quarenta dias, tempo que eu determinei para você, um dia para cada ano”* (Ez 4:7, NVI).

Por orientação de Deus os profetas em suas profecias usavam as palavras: “dias”: *“cada ano corresponde a cada um dos quarenta dias”* (Nm 14:34, NVI); *“tardes e manhãs”*, que corresponde a um dia: *“passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia”* (Gn 1:5, NVI). *“Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs;”* (Dn 8:14, NVI); “semanas”: *“setenta semanas estão decretadas para o seu povo”* (Dn 9:24, NVI); “meses”: *“lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses”* (Ap 13:5, NVI); “tempo”: *“serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e meio tempo”* (Dn 7:25, NVI). “Tempo”, equivale a um ano: *“passarão sete tempos até que admita”, “ao cabo de tempos, isto é, de anos”* Dn 4:32, NVI e 11:13, ARA).

Cada um desses períodos tem o “dia” como determinante para compreender a extensão da profecia, dando a interpretação correta.

No entanto, é importante salientar que nem sempre Deus usa este princípio. Para Abraão, Deus revelou que seus descendentes seriam *“escravizados e oprimidos por quatrocentos anos”* (Gn 15:13, NVI).

Para o profeta Jeremias, Deus revelou que *“essas nações estarão sujeitas ao rei da Babilônia durante setenta anos”* (Jr 25:11, NVI).

Nessas oportunidades, Deus especificou o período de tempo de forma literal, determinando a duração em anos. Por que Deus não

usa sempre o mesmo método nas Suas predições? *“Ai daquele que contende com seu Criador, daquele que não passa de um caco entre os cacos no chão. Acaso o barro pode dizer ao oleiro: o que você está fazendo? (Is 45:9, NVI).*

Realmente é uma atitude de muito atrevimento do ser humano que não passa de um caco, ousar questionar as ações e os métodos do Deus Todo-poderoso.

A título de curiosidade apliquemos o princípio do dia/ano aos dois períodos citados acima. Quatrocentos anos perfaz o total de 144.000 dias, que, profeticamente equivaleriam a 144.000 anos. Faz sentido para a história da humanidade de 4.000 anos, desde Abraão até os dias atuais?

Os setenta anos de domínio do império Neobabilônico, correspondem a 25.200 dias; profeticamente seriam 25.200 anos. Esse período cabe dentro da história de 2.600 anos desde o império Neobabilônico até os nossos dias?

O profeta Daniel ainda relata o período da insanidade do rei da Babilônia, Nabucodonosor: *“passarão sete tempos até que admita que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer” (Dn 4:32, NVI).* “Sete tempos”, ou, sete anos, completam 2.520 dias, que profeticamente seriam 2.520 anos. Não faz sentido para uma vida de 70 anos.

Não respeitar esse princípio de interpretação dos períodos proféticos das Escrituras Sagradas, é criar o caos no percurso da história temporal da humanidade, dentro do período do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, como parte do eterno plano da salvação realizado por Deus (Ef 3:9-11).

O princípio bíblico do simbolismo

Outro princípio muito importante na interpretação das mensagens proféticas, estabelecido por Deus, é o simbolismo que os profetas usavam para identificar os personagens e locais envolvidos no relato.

Na proclamação da profecia de Gênesis 3:15, Deus revela os primeiros símbolos dos personagens envolvidos no grande conflito cósmico espiritual: o *“Descendente da mulher”*, simbolizando Cristo em Sua natureza divino-humana, e, a *“serpente”*, simbolizando Satanás.

Ao longo da história bíblica encontramos inúmeros símbolos identificando Cristo e Satanás. Por exemplo: o rei e salmista Davi usa o símbolo do pastor para falar de Cristo, Deus eterno, como seu guia e protetor (Sl 23). Jesus identificou-se com este símbolo. Ele disse: *“Eu sou o bom pastor”* (Jo 10:11, NVI). O profeta Isaías, usa o símbolo de: *“um ramo [...] do tronco de Jessé”* (Is 11:1), para identificar a Jesus como o Messias prometido.

O profeta João, no Apocalipse, entre outros símbolos usa o Cordeiro para tipificar Jesus em Sua morte substituta para oferecer graça a todos os pecadores (Ap 5:12). Usa os símbolos de: *“o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi”*, para referir a Cristo como o poderoso vencedor de Satanás no grande conflito cósmico espiritual (Ap 5:5).

No contraponto, o profeta Isaías usa o símbolo da *“estrela da manhã”*, para referir à expulsão de Lúcifer do Céu: *“como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada”* (Is 14:12, NVI).

O profeta Ezequiel, no capítulo 28 do seu livro, se vale do rei de Tiro, para simbolizar a queda de Lúcifer e se transformando em Satanás, o inimigo de Deus. *“O primeiro pecador foi um a quem Deus exaltara grandemente. Ele é representado sob a figura do príncipe de Tiro florescendo em poder e magnificência”* (MM, 1959, p. 66).

O profeta João, usa a figura de um *“dragão vermelho”* para simbolizar Satanás, na sua rebelião e expulsão do Céu e nas suas ações contra Cristo e Sua igreja aqui na Terra.

Portanto, compreendemos que pelo princípio do simbolismo bíblico, Jesus e Satanás são representados por diferentes símbolos. Contudo, é importante observar que por este princípio o símbolo pode mudar, mas o simbolizado continua sendo o mesmo personagem. Tanto o profeta Daniel como o profeta João usam símbolos diferentes para identificar o mesmo personagem, Cristo, ou Satanás, e suas ações ao longo do grande conflito cósmico espiritual.

Simbolismo primário e secundário

Em relação ao dragão vermelho visto no céu atmosférico Ellen G. White declarou: *“a cadeia de profecias na qual se encontram esses símbolos começa no capítulo 12 do Apocalipse, com o dragão que procurava destruir a Cristo em Seu nascimento. É dito que o dragão é Satanás (v. 9); foi ele que atuou sobre Herodes com o objetivo de matar o Salvador. Mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante o primeiro século da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, embora o dragão represente primeiramente Satanás, é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã”* (GC, p. 369).

Esta interpretação contém o significado muito importante de que os símbolos usados pelos profetas trazem em si mais de um poder simbolizado, ou mesmo admitem dupla aplicação.

Como entender essa dupla interpretação? O profeta João reconheceu que o dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, no seu todo, simboliza “*a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás*” (Ap 12:9, NVI), mas nada declarou sobre os complementos: cabeças e chifres.

Entretanto, em Apocalipse 17, na besta vermelha vista no deserto, o profeta identifica as cabeças e os chifres como reis: “*aqui se requer mente sábia. As sete cabeças são sete colinas. [...] São também sete reis. [...] Os dez chifres que você viu são dez reis*” (Ap 17:9, 10, 12, NVI).

Com a chave dada pelo próprio profeta de o símbolo no seu todo identificar Satanás e nos complementos, cabeças e chifres, identificar reis, poderes temporais, compreendemos que nas sete cabeças coroadas, e nos dez chifres não coroados do dragão vermelho expulso do Céu, encontramos símbolos de poderes temporais que exerceram ou ainda exerciam o seu poder nos dias do profeta João, usados por Satanás no conflito contra Cristo, como participantes do corpo do dragão. As cabeças coroadas, complementos do dragão, simbolizam os poderes temporais mais influentes desde o Egito e passando pela Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma Imperial pagã.

Ellen G. White declarou que “*durante o primeiro século da era cristã, foi o Império Romano*”, que executou as ações de Satanás contra Cristo. O Império Romano é simbolizado pela sexta cabeça do dragão e, portanto, em sua sexta cabeça, o dragão “*é também, em*

sentido secundário, símbolo de Roma pagã” (GC, p. 369). Os chifres não coroados exerceriam o seu poder temporal no futuro, aparecendo coroados na cabeça da besta que emergiu do mar.

É importante dar atenção aos símbolos para entender que identificam personagens e locais distintos: Pelo princípio do simbolismo compreende-se que a besta vermelha vista pelo profeta no deserto (Ap 17), no seu todo, tal como o dragão vermelho expulso do Céu, simboliza Satanás; a mulher prostituta nela montada, simboliza uma organização espiritual corrompida, controlada por Satanás. As sete cabeças, o próprio profeta declara que simbolizam sete colinas sobre as quais está sentada a mulher prostituta (Ap 17:9), identificando o local da sede do seu governo; ainda informa que as sete cabeças da besta (Ap 17:7), também simbolizam “sete reis”, poderes temporais (Ap 17:10); bem como “os dez chifres que você viu são dez reis” (Ap 17:12, NVI), poderes temporais.

Na continuidade de seu relato declara que “a besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta. Eles a levarão à ruína” (*Ap 17:16, NVI), definindo que os três símbolos: a besta, os dez reis e a prostituta, simbolizam e identificam personagens distintos, que estão para se confrontar em uma cena de destruição. O fato de a besta aparecer sem a mulher prostituta nela montada, mas manifestando ódio contra ela, indica que houve um rompimento no relacionamento, e a besta, Satanás, se voltou contra o instrumento que por séculos fora por ele utilizado contra os santos do Altíssimo.

Portanto, tanto o dragão vermelho expulso do Céu, como a besta vermelha, vista no deserto, simbolizam Satanás em diferentes circunstâncias.

Ellen G. White comentando a ação do dragão e da besta que saiu do mar, descrita em Apocalipse 13, apresenta argumentos que iluminam a compreensão. Ela declarou: *“No capítulo 13, nos versos 1 a 10, descreve-se a besta ‘semelhante a leopardo’, à qual o dragão deu ‘o seu poder, o seu trono, e grande autoridade’ (v. 2). Esse símbolo, como a maioria dos protestantes têm defendido, representa o papado, que herdou o poder, o trono e a autoridade do antigo Império Romano. [...] ‘Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação’ (v. 5-7). Essa profecia que é quase idêntica à descrição do chifre pequeno de Daniel 7, refere-se inquestionavelmente ao papado. [...] Foi a apostasia que levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do poder civil, e isso preparou o caminho para o desenvolvimento do papado – a besta”* (GC, p. 369, 372).

Em outro comentário, no entanto, faz esta declaração significativa: *“Satanás está atuando com todas as suas forças, a fim de ocupar o lugar de Deus e destruir a todos que a isso se opuserem. E hoje vemos todo o mundo inclinando-se diante dele. Seu poder é aceito como o de Deus. Cumpre-se a profecia do Apocalipse: ‘toda a Terra se maravilhou após a besta’. Ap 13:3”* (TI, v. 6, p. 14).

Em sua interpretação, em relação ao dragão vermelho, Ellen G. White reconheceu que em primeiro sentido o dragão vermelho simboliza Satanás, e, *“em sentido secundário”,* simboliza *“Roma pagã”* (GC, 369), que tem o seu cumprimento na sexta cabeça, exercendo o domínio nos dias do apóstolo: *“mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante o primeiro século da era cristã, foi o Império Romano, no qual o*

paganismo era a religião dominante. Assim, embora o dragão represente primeiramente Satanás, é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã” (GC, p. 369).

Em relação à besta que emergiu do mar, compreendeu que *“esse símbolo, [...] representa o papado, [...] refere-se inquestionavelmente ao papado. [...] o desenvolvimento do papado”* (GC, p. 369, 372), também reconheceu e entendeu que a declaração de que *‘toda a Terra se maravilhou após a besta’. Ap 13:3*, se cumpre com Satanás, que atua com *“todas as suas forças, a fim de ocupar o lugar de Deus”* (TI, v. 6, p. 14).

Como entender e harmonizar que com *“Satanás [...] cumpre-se a profecia do Apocalipse: ‘toda a Terra se maravilhou após a besta’. Ap 13:3”* (TI, v. 6, p. 14), e que também, *“esse símbolo, [...] representa o papado, [...] refere-se inquestionavelmente ao papado. [...] o desenvolvimento do papado?”* (GC, p. 369, 372).

Em relação ao dragão vermelho compreendemos que simboliza Satanás (Ap 12:9). Suas sete cabeças, complementos do dragão, simbolizam poderes temporais, com a sexta cabeça coroada simbolizando o Império Romano pagão, e a sétima cabeça simbolizando a formação do papado.

Seguindo o mesmo princípio de interpretação do animal todo e os seus complementos, entendemos que é preciso encontrar e identificar o simbolismo da própria besta, como o personagem maior, e dos seus complementos, os personagens menores, isto é, os símbolos identificam personagens distintos.

Portanto, a interpretação da besta e dos seus complementos conduz para a compreensão de que a besta em seu todo simboliza

Satanás e a sétima cabeça não coroada, como parte do corpo da besta simboliza o papado, não como poder temporal, pois não está coroada, mas como poder espiritual corrompido por Satanás, e por ele usado na guerra contra a igreja estabelecida por Cristo.

Esta maneira de compreender os símbolos abre a janela para entender quem realmente determina as ações e quem as executa: *“há apenas dois grupos de pessoas na Terra: os que estão sob a bandeira ensanguentada de Jesus Cristo e os que estão sob a bandeira negra da rebelião. [...]”*

“O grande conflito que está sendo travado agora não é mera luta de homem contra homem. De um lado está o Príncipe da Vida, agindo como substituto e penhor do ser humano, do outro lado, o príncipe das trevas, tendo sob seu comando os anjos caídos” (EGW, CBASD, v. 7, p. 1089).

“A inimizade de Satanás, atuando por meio de homens como seus instrumentos, foi impressionantemente desenvolvida” (TI, v. 4, p. 593, destaque acrescentado).

Dois líderes invisíveis distintos e dois grupos visíveis distintos em confronto no grande conflito de conceitos espirituais. Cristo buscando libertar os oprimidos por Satanás, por meio do Seu instrumento: a igreja. Satanás lutando com seus instrumentos com todas as forças do engano, para destruir a igreja e o plano da redenção.

O caráter de Satanás

Outro detalhe tremendamente significativo na besta reclamando adoração, na transferência do seu poder e da sua autoridade, está no caráter de Satanás. Ele ambicionou o poder, a

autoridade e o direito à adoração, unicamente pertencentes a Deus: *“subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI).

“Satanás está atuando com0 todas as suas forças, a fim de ocupar o lugar de Deus e destruir a todos que a isso se opuserem. E hoje vemos todo o mundo inclinando-se diante dele. Seu poder é aceito como o de Deus” (TI, v. 6, p. 14).

Quando Nabucodonosor mandou erguer uma estátua na planície de Dura, o objetivo era proclamar e exaltar a grandeza e a perpetuidade de sua obra independente da dependência de Deus. A adoração à imagem, realmente era a ele como reconhecimento do seu poder, autoridade, realização e ambição de perpetuidade.

“A ideia de estabelecer um império e uma dinastia que permanecesse para sempre apelou fortemente ao poderoso monarca cujas armas as nações da terra tinham sido incapazes de resistir. Com o entusiasmo da ilimitada ambição e orgulho personalístico, ele tomou conselho com seus sábios quanto à maneira de levar avante o projeto” (PR, p. 504, 1960).

Da mesma maneira, Satanás criou uma imagem de si mesmo e determina de que por meio desta imagem, todos o adorem reconhecendo seu poder, autoridade e ambiciosa obsessão de eternidade.

Assim como Nabucodonosor condenou à fogueira aqueles que não o adoraram por meio da sua imagem, assim também Satanás determina que sejam *“mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem”* (Ap 13:15, NVI), obra e manifestação de si mesmo, seu poder e autoridade.

Do Deus eterno é declarado: *“pois, quem nos céus poderá comparar-se ao Senhor? Quem dentre os seres celestiais assemelha-se ao Senhor? [...] Ó Senhor Deus dos Exércitos, quem é semelhante a ti? És poderoso, Senhor, envolto em tua fidelidade. [...] A retidão e a justiça são os alicerces do teu trono; o amor e a fidelidade vão à tua frente”* (Sl 89:6, 8, 14, NVI).

Poderoso, fidelidade, retidão, justiça, amor, verdade, são atributos do caráter de Deus *“desde sempre e para sempre”* (Sl 90:2, BJ).

Os atributos do caráter de Deus se manifestam de maneira poderosa e incompreensível no relacionamento de justiça e amor com as Suas criaturas. Com a queda de Adão os atributos foram manifestados por Jesus de maneira inexplicável, seguindo direção totalmente oposta à de Lúcifer: *“embora sendo Deus, [...] esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. [...] Humilhou-se a si mesmo”*. E, em Deus o Pai esses atributos foram manifestados na mais estupenda e gloriosa demonstração de abnegação: *“por isso Deus o exaltou a mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome”* (Fp 2:6-9, NVI).

Os atributos do caráter de Satanás são: enganador, torpeza, injustiça, cobiça, mentiroso, irresistível ambição por poder, autoridade e adoração,

Satanás comunica seus atributos de maldade para os instrumentos que submete e usa na execução de sua luta contra Cristo, mas nunca transfere sua insaciável ambição por poder, autoridade e adoração para outro, muito menos a um inferior a ele.

O profeta declara: *“vi uma besta que saia do mar, tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como de urso e boca com a de leão. “O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade. [...] Todo mundo ficou maravilhado e seguiu a besta. Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: ‘Quem é como a besta? Quem pode guerrear contra ela? [...] e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta” (Ap 13:3, 4, 12, NVI).*

Na visão do profeta não é o império Romano, simbolizado pela sexta cabeça coroada, complemento do dragão vermelho, que transfere seu poder e autoridade para a sétima cabeça não coroada, complemento da besta, o papado. O profeta argumenta que: *“o dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade”*. Aparentemente o dragão está transferindo *o seu poder, o seu trono e grande autoridade*., para outro personagem, a besta que emergiu do mar. Mas essa besta, tal como o dragão, em verdade também simboliza Satanás.

Portanto, o dragão, Satanás, transfere seu poder e autoridade a si mesmo, simbolizado por outro símbolo, a besta, e não ao complemento, à sétima cabeça não coroada, o papado.

Na visão, a transferência é realizada de um símbolo para outro, do dragão vermelho para a besta que emergiu do mar, mas o simbolizado é o mesmo personagem real, Satanás, que, na mudança de símbolo, muda a sua estratégia, do uso da força dos poderes temporais, para a astúcia do poder espiritual corrompido e paganizado.

Os dez chifres coroados da besta simbolizando poderes temporais que até o quarto século depois de Cristo perseguiram e oprimiram a igreja, são influenciados pela besta que emergiu do mar, Satanás, primeiro, por intermédio das lideranças temporais e por meio das lideranças espirituais da igreja em processo de apostasia, e a partir do sexto século, no símbolo de sua sétima cabeça não coroada, culmina com o papado, para usar uma nova estratégia na luta contra os conceitos espirituais do Reino de Deus, não pela força, mas pela subtileza do engano.

O foco central do grande conflito cósmico espiritual não pode ser perdido: os dois líderes do conflito são personagens cósmicos. As lideranças humanas, por sua escolha, tornam-se instrumentos a serviço de um dos personagens cósmicos: Cristo, ou Satanás.

As visões do profeta Daniel e seu alcance

Com a perspectiva dos parâmetros avaliados, analisemos predições proféticas do profeta Daniel reveladas por Deus, nas quais se encontram períodos de tempo definidos com acontecimentos também definidos, que precisam ser analisados e interpretados à luz do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás e o eterno plano da salvação, aplicando os princípios bíblicos de interpretação profética do dia/ano e do simbolismo de seus personagens, para obter compreensão correta das predições do profeta.

Desconhecer e desconsiderar estas questões fundamentais, significa caminhar para o caos das revelações proféticas que determinam a história bíblica da humanidade.

As duas mil e trezentas tardes e manhãs

Em Daniel 8:14, o profeta fez esta predição: *“Ele me disse: Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado”* (NVI).

O período está relatado em tempo profético, isto significa que segue a determinação de Deus de um dia literal equivaler a um ano literal: *“durante quarenta dias, tempo que eu determinei para você, um dia para cada ano”. [...] “Cada ano corresponderá a cada um dos quarenta dias em que vocês observaram a terra”* (Ez 4:7, NVI, Nm 14:34).

Portanto, para localizar os acontecimentos preditos nesse período profético e os personagens envolvidos, dentro da história da humanidade, é preciso respeitar os princípios de interpretação determinados pela própria Escritura Sagrada. É o princípio bíblico do dia/ano, que estabelece a verdadeira extensão do período. Respeitando este princípio, o período de *“duas mil e trezentas tardes e manhãs”*, compreendendo que *“tarde e manhã”*, está fundamentado em Gênesis 1:5, 8, 13, 19, 23 e 31, conferindo vinte e quatro horas literais para o dia literal, o ciclo de um dia profeticamente equivalendo um ano literal, realmente determinam 2.300 anos.

Quanto aos personagens e poderes envolvidos no relato, é muito importante dar atenção ao método de os profetas representarem os personagens pelo princípio do simbolismo.

As setenta semanas

Quando o anjo Gabriel explicou o significado da visão das duas mil e trezentas tardes e manhãs para o profeta Daniel, fez um destaque importante com a predição de acontecimentos que ocorreriam em seu determinado tempo: *“setenta semanas estão*

determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade. [...] Saiba e entenda isto; desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até a vinda do Ungido, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas. [...] Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana. Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais” (Dn 9:24-27, NAA).

O anjo Gabriel não está apresentando uma nova visão, mas destacando um detalhe determinado para o povo judeu, dentro da visão das duas mil e trezentas tardes e manhãs: *“setenta semanas estão determinadas para o seu povo” (Dn 9:24, NAA).*

Diferentes traduções trazem termos diferentes: *“setenta semanas estão cortadas” (AA). “Setenta semanas foram fixadas” (BJ). “Setenta semanas estão decretadas” (TB).*

As diferentes maneiras de traduzir o termo, conduz para uma única conclusão: o anjo Gabriel separou um período de setenta semanas da visão anteriormente revelada das 2.300 tardes e manhãs especificamente para o povo judeu.

Ao introduzir esse detalhe, Deus revela acontecimentos futuros que precisam ocorrer no ano exato para dar confiabilidade à Sua Palavra: o início do período fundamentado no princípio bíblico do dia/ano; a vinda do Ungido, que pelo princípio bíblico do simbolismo, identifica Cristo, o Messias prometido, 483 anos depois, e a morte de Cristo, na metade da última semana ou dos últimos sete anos do período das setenta semanas, equivalendo 490 anos.

Como Senhor da história da humanidade (Is 48:3), Deus prediz os acontecimentos e no tempo certo os faz acontecer. Foi o que sucedeu com a predição feita por meio do profeta Daniel,

determinando o decreto da reconstrução de Jerusalém como o início das setenta semanas e por consequência natural, o início dos 2.300 anos, o período completo da profecia.

Uma questão muito importante precisa ser considerada nas profecias messiânicas, com destaque para as setenta semanas de Daniel 9:25-27, predizendo a vinda do Ungido, o Cristo, o Messias; na relação genealógica humana de Jesus, relatada por Mateus em seu primeiro capítulo no verso 17, anunciando a chegada de Cristo, o Messias; e nos serviços típicos do santuário apontando para Cristo, o Messias sofredor (Is 53), o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29): a sua perfeita relação na identificação do mesmo personagem, pelo princípio do simbolismo bíblico, em sua missão redentora: Cristo Jesus.

O profeta Daniel predisse um período fundamental da profecia mestre proclamada por Deus em Gênesis 3:15, assim que Satanás induziu Adão ao pecado e à queda: *“saiba e entenda isto: [...] até a vinda do Ungido, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas”* (Dn 9:25, NAA).

Esta declaração é uma predição profética que estabelece o período entre a ordem para reconstruir Jerusalém até a unção de Jesus Cristo como o Messias prometido para restaurar o primeiro domínio (Mq 4:8).

Sete semanas mais sessenta e duas semanas contabilizam um período de 483 dias, equivalendo profeticamente a 483 anos. Esse período inicia com a proclamação do decreto do rei persa, Artaxerxes, no ano 457 a.C., determinando a reconstrução de Jerusalém e termina no ano 27 d.C., com a unção, o batismo de Jesus Cristo.

Mateus em seu relato, declarou: *“E catorze (gerações) do exílio até o Cristo”* (Mt 1:17, NVI). Cristo, no grego, Messias, no hebraico, tanto um como o outro nome conduz para o título: o Ungido. Nesse contexto, Mateus fechou a linha genealógica humana de Jesus com a Sua unção, ou batismo, colocando-se em harmonia com a profecia de Daniel, das 70 semanas, e não com a data do nascimento de Jesus.

O nascimento de Jesus e a Sua unção

Entretanto, ainda que a profecia não inclua o detalhe da data do nascimento de Jesus, isso não diminui a importância desse grandioso acontecimento. Deus o anunciou para os pastores dos campos de Belém como a incomparável Boa Nova para toda a humanidade. *“Ele (Deus) ocultou o dia preciso do nascimento de Cristo, para que o dia não recebesse a honra que deveria ser dada a Cristo como o Redentor do mundo”* (LA, p. 477).

Nesse contexto, o momento decisivo para dar cumprimento à realização do plano da salvação, se encontra na revelação de Jesus como o Messias, o Redentor prometido. Esse momento é o clímax de todas as profecias messiânicas e, mormente, da profecia das setenta semanas do profeta Daniel; o clímax da genealogia humana de Jesus e o clímax de toda a tipologia do santuário.

Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas relatam que no batismo de Jesus as três pessoas da Trindade manifestaram a Sua presença, para dar toda a importância ao momento da vinda do *“Príncipe do Céu, o Deus eterno”*, o *“Descendente da mulher, o Deus-homem”*, e *“o Cordeiro de Deus”*, o sacrifício substituto, porque havia chegado a plenitude do tempo no calendário de Deus para revelar a vinda do Ungido, *“o Cristo, como o Redentor do mundo”* (LA,

p. 477), para salvar pecadores da opressora escravidão de Satanás.

Para cumprir esta missão, veio com as credenciais do *“Descendente da mulher”*, o Filho do homem, em Sua natureza humana para derrotar Satanás e libertar o ser humano da escravidão do pecado; como o *“Cordeiro de Deus”*, em Sua natureza humana, que com Seu sangue purifica o mundo do pecado, devolvendo para o ser humano o direito da liberdade de escolha; em Sua natureza divina, como o *“Príncipe do Céu”*, o Deus eterno, determinar a destruição total de Satanás no final dos mil anos de sua prisão, aniquilar o pecado, dando fim ao grande conflito cósmico espiritual,

Foi nesse glorioso momento que Deus-Pai fez a poderosa proclamação: *“Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”* (Mt 3:16, 17, NVI).

Poderia haver momento mais empolgante para todo o Universo? No momento aprazado indicado pela profecia, e confirmado pela cadeia genealógica humana de Jesus, na plenitude do tempo, Ele foi apresentado como o Deus-homem, a solução para o problema da temporalidade do pecado, e o vitorioso Comandante eterno, no grande conflito cósmico espiritual, contra Satanás.

O profeta Isaías assim retrata esse glorioso momento para a humanidade envolta pelas trevas da injustiça e do pecado: *“o Senhor viu isso e desaprovou o fato de não haver justiça. Viu que não havia ninguém e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; por isso, o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça foi o seu apoio. Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o*

capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a veste da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto. Segundo as obras deles, assim retribuirá: aos seus adversários, furor; aos seus inimigos, o que merecem; às terras do mar, a devida recompensa. Assim, temerão o nome do Senhor desde o poente, e a sua glória, desde o nascente do sol, pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor. ‘O Redentor virá de Sião e aos de Jacó que se converterem’, diz o Senhor” (Is 59:15-20, NAA).

Pouco depois do grande acontecimento da unção de Jesus, João Batista fez a proclamação: *“No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (Jo 1:29, NVI).

Os profetas, e especialmente Daniel, anunciaram a revelação de Jesus como o Messias prometido, *“o Príncipe do Céu, o Deus eterno; a cadeia genealógica humana de Jesus, anunciou-O como “o Descendente da mulher” o Deus-homem; os serviços típicos do santuário O anunciavam como: “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.*

A vinda de Jesus para desempenhar a realidade de *“Príncipe do Céu”, o Deus Eterno (Dn 9:25); o “Descendente da mulher”, o Deus homem (Gn 3:15), e, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado mundo”, (Jo 1:29, NAA), se fundamenta nos períodos proféticos, em Sua genealogia humana e nos símbolos típicos do santuário. A genealogia humana de Jesus é a linha de tempo sobre a qual são datados os acontecimentos inseridos nos períodos proféticos e relatos históricos. Essa linha de tempo, de acordo com Gênesis 3:15, começa com a queda de Adão, quando a temporalidade do pecado quebrou a eternidade do tempo para o nosso planeta e determinou a*

sua contabilidade em dias, semanas, meses e anos. Seguindo a contagem progressiva, partindo desse marco zero, a queda de Adão, a genealogia humana de Jesus passa pelos patriarcas, a história do povo de Israel e termina com a Sua unção, em Seu batismo, no ano mais distante do seu início, no ano 27 depois de Cristo.

Como pano de fundo, as profecias messiânicas e a genealogia humana de Jesus revelam o plano da salvação tipificado nos rituais do santuário. Esse período, das setenta semanas, perde seu sentido, analisado sem o fundamento do princípio bíblico do dia/ano, no contexto da linha mestre do tempo, a genealogia humana de Jesus e sem a Sua missão como o Cordeiro de Deus para a realização do *“eterno plano da salvação”*.

A respeito de Jesus, a Escritura declara que a Sua origem é *“desde os dias da eternidade”* (Mq 5:2, NAA), que o qualifica como o Deus eterno e o *“Príncipe do Céu”*; mas, *“Ele se fez carne”* (Jo 1:14), humano, passando pelos condutos humanos da Sua genealogia humana, desde Adão até o Seu nascimento virginal por meio de Maria, que O qualifica como o *“Descendente da mulher”*, o Filho do homem. Os rituais típicos do santuário O qualificam como *“o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (Jo 1:29, NAA). *“Porque é impossível que sangue de touros e bodes remova pecados. [...] Nessa vontade é que fomos santificados, mediante a oferta do corpo de Cristo, uma vez por todas”* (Hb 10:4, 10, NAA).

É esta dupla natureza, divino-humana, e a perfeita identificação com todos os símbolos do santuário que O qualificam como o verdadeiro Messias, que veio a este mundo para enfrentar Satanás nas triunfantes batalhas do grande conflito cósmico espiritual, resgatar os presos do valente e salvar os seus filhos (Is 49:25).

Quando chegou o momento exato, confirmando a predição do profeta Daniel, Deus entrou em ação: *“Eu predisse há muito as coisas passadas. Minha boca as anunciou, e Eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram”* (Is 48:3, NVI). E, como determinava a profecia de Daniel: *“saiba e entenda isto: desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém”* (Dn 9:25, NAA), no ano 457 a.C., sétimo ano do reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, usando o sacerdote e escriba Esdras como interlocutor, Deus despertou o rei Artaxerxes para fazer acontecer a predição do profeta Daniel, passados mais de oitenta anos, proclamando o decreto para reconstruir a cidade de Jerusalém: *“o rei lhe concedera tudo o que tinha pedido, pois a mão do Senhor, o seu Deus, estava sobre ele”* (Ed 7:6, 7, 11-26, NVI).

Avançando dessa data, *“sete semanas e sessenta e duas semanas”*, 483 anos, conduz *“até a vinda do ungido, o Príncipe”* (Dn 9:25, NAA), e, declarando autêntica a cadeia genealógica humana de Jesus, desde: *“filho de Adão, filho de Deus”* (Lc 3:38), *“até o Cristo”* (Mt 1:17), determina que no ano 27 d.C., Jesus, em Seu batismo por João Batista, foi ungido pelo Espírito Santo e reconhecido como o *“Descendente da mulher”* (Gn 3:15), o Filho do homem, para a realização do eterno plano da salvação (Ef 3:11).

Passados mais três anos e meio, por meio de Sua morte sacrifício, substituta, *“na metade da semana, (fez) cessar o sacrifício e a oferta de cereais”* (Dn 9:27, NAA). E no ano 34 d.C., o final das setenta semanas determinadas para o povo judeu como nação, foi assinalado pela morte injusta de Estevão, a dispersão da igreja apostólica e a proclamação do evangelho para todos os povos,

cumprindo os acontecimentos preditos para esses primeiros 490 anos.

Portanto, os 490 anos da profecia de Daniel e a cadeia genealógica humana de Jesus determinam que a declaração de Paulo: *“Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher [...]”* (Gl 4:4, NAA), encontra o seu exato momento quando Jesus foi revelado como o Cristo, em Seu batismo, isto é, *“o Príncipe do Céu”*, o Deus eterno, *“o Descendente da mulher”*, o Deus-homem e o *“Cordeiro de Deus”*, que tira o pecado do mundo.

O período completo dos 2.300 anos inicia na mesma data das setenta semanas no ano 457 a.C., durante o domínio do império Medo-Persa, e termina em 1.844 d.C., quando Jesus iniciou o serviço de purificação do santuário celestial, com o processo do julgamento investigativo, como o imutável sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 7:24, 11).

Todo o serviço do santuário é típico de Cristo, o Ungido, o Redentor. Nesse contexto, Cristo Jesus é *“o Santíssimo”* (Dn 9:24, NVI), o Tipificado por todos os serviços e símbolos do santuário.

É fascinante como os períodos proféticos e a genealogia humana de Jesus, colocam os acontecimentos narrados nas Escrituras Sagradas, culminando com o grande momento da transição do plano da salvação, dos tipos do santuário terrestre, de sangue de touros e bodes (Hb 10:4), para a realidade do santuário celestial, fundado no sangue de Cristo (Hb 10:10), dentro de uma sequência, que não oferece lugar para questionamentos.

A mensagem de Isaías 59:2, comunica uma ideia muito forte sobre as condições que a temporalidade do pecado criou entre Deus

e o ser humano: *“antes, foram as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus”* (BJ).

O *“abismo”* envolve as condições espirituais e morais do relacionamento que foi rompido entre Criador e criaturas, mas envolve também a perda da eternidade recebida de Deus, a Fonte do vigor eterno, trocada pela temporalidade do pecado. A temporalidade do pecado ergueu uma barreira existencial que determinou uma brecha, um abismo, na eternidade em nosso planeta, e passamos a contar o tempo porque o pecado é temporal. No entanto, esse abismo será desfeito, quando Deus destruir a temporalidade do pecado, com a restauração do ser humano redimido e do planeta feito novo.

O sonho do rei Nabucodonosor

O rei Nabucodonosor, da Babilônia, havia tido um sonho, mas não o lembrava. Deus mostrou o sonho para o profeta Daniel e revelou o seu significado. Daniel se apresentou perante o rei, falando em lugar de Deus: *“O senhor, ó rei, estava olhando e viu uma grande estátua”* (Dn 2:31, NAA).

O período dos 2.300 anos e a visão profética de Daniel 2, onde está relatada e interpretada por Daniel a visão da majestosa estátua vista em sonho pelo rei Nabucodonosor, lançam luz sobre toda a história do plano da salvação, bem como sobre os acontecimentos temporais que teriam lugar no desenvolvimento da história da humanidade, do tempo do império Neobabilônico até a segunda vinda de Cristo.

Os 2.300 anos predizem especificamente acontecimentos espirituais, relacionados com o plano da salvação, e terminam em 1844 d.C., assinalando o começo do juízo de Deus, em sua primeira fase, a investigativa, a partir da qual todos os atos de todos os seres

humanos, desde Adão, são analisados, investigados e julgados à luz da lei de Deus. *“A história humana relata as realizações dos homens, suas vitórias em batalhas, seu êxito em atingir a grandeza mundana. A história de Deus descreve o homem tal como o vê o Céu. Nos registros divinos todo o seu mérito consiste na obediência que ele prestar aos mandamentos de Deus. [...] À luz da eternidade ver-se-á que Deus lida com os homens segundo a momentosa questão da obediência e da desobediência”* (MM. 2005, p. 338).

O final da faze do juízo de investigação, justo e correto, culmina com a volta de Jesus, para determinar a recompensa de cada um no ato do juízo executivo. Os que aceitaram a graça de Deus, manifestada na morte substituta de Jesus, passando a viver vida obediente aos Seus mandamentos e aos ensinamentos da Escritura, movidos pelo poder de atração da Sua graça e do Seu amor, receberão a recompensa de vida eterna. Os que rejeitaram a Sua graça e o Seu amor, continuando em desobediência deliberada, receberão a recompensa da condenação para a morte eterna.

No sonho de Nabucodonosor, da estátua humana, interpretado pelo profeta Daniel, predizendo especificamente acontecimentos temporais, a profecia não apresenta um período fundamentado no princípio do dia/ano, mas na sucessão de reinos da história temporal sob o domínio do pecado, que estão relacionados com os acontecimentos espirituais, e, portanto, ocorrendo no decurso dos 2.300 anos.

Daniel teve a oportunidade e o privilégio de acompanhar o cumprimento da primeira parte de sua interpretação profética. No ano 539 a.C., Babilônia, representada pela cabeça de ouro da grande estátua, foi invadida e dominada por Ciro, o Medo-Persa. Esse

acontecimento Daniel colocou de maneira muito clara para o rei Belsazar, que lhe solicitou a interpretação da mensagem escrita por mão misteriosa em uma das paredes do seu palácio, em noite de banquete e orgia: *“peres: teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas”* (Dn 5:28, NVI).

A Medo-Pérsia, representada pelo peito e os braços de prata da estátua, tornou-se o poder temporal que dominou o mundo de então até o ano 331 a.C.

Na sequência, o ventre e os quadris de bronze, veio a Grécia de Alexandre, o Grande, que derrotou os medo-persas em três batalhas seguidas: Grânico, em 334 a.C., Issos, em 333 a.C. e Arbela, ou Gaugamela, em 331 a.C. Contudo, a glória do império grego também não teve longa duração. Com a morte de Alexandre, a Grécia se dividiu em quatro reinos menores, quando por volta do ano 200 a.C. o império Romano dos césaes, as pernas de ferro, começou a impor o seu domínio como império mundial. Na batalha de Pidna, em 168 a.C., as últimas resistências macedônias foram dominadas.

Depois do império Romano, nunca mais houve um reino que exercesse o seu domínio como potência mundial. Vivemos nos dias dos reinos representados pelo ferro e o barro misturados nos pés e nos dedos da estátua, mas sem se ligar.

Tal como a visão da estátua do sonho do rei Nabucodonosor revela séculos da história da humanidade, assim também a visão das 2.300 tardes e manhãs revelam um período de tempo de 2.300 anos, que na sua interpretação exige o princípio bíblico do dia/ano.

A visão dos 2.300 anos revela os grandes acontecimentos do plano da salvação desde os dias da Medo-Pérsia até o juízo investigativo do tribunal de Deus, culminando com a justa recompensa dos santos e o castigo dos ímpios no ato do juízo executivo. A profecia da estátua vista por Nabucodonosor, inicia com o domínio do império Neobabilônico, 609 a.C. - 539 a.C., e avança além do final dos 2.300 anos, mas também culminando com o glorioso acontecimento da volta de Jesus, determinando o fim do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, o aniquilamento total de Satanás e da temporalidade do pecado no planeta Terra, e o seu restabelecimento ao Reino eterno de Deus (Dn 7:27).

Isto significa que os dois períodos, terminam com os mesmos acontecimentos: a destruição da temporalidade do pecado e pecadores e o planeta Terra restaurado e reintegrado à eternidade de todo o Universo do domínio de Deus.

Segue uma síntese paralela da sucessão da história temporal predita na estátua do sonho do rei Nabucodonosor e dos principais acontecimentos preditos para os 2.300 anos relacionados com o plano da salvação:

<u>Estátua</u>	<u>Os 2.300 anos</u>
Babilônia	Predição do esboço dos 2.300 anos
Medo-Pérsia	Determinando a vinda do Messias
Roma Pagã	Vinda e unção do Messias
Roma papal	Proclamação do Reino da graça
Juízo no Céu	Juízo investigativo no santuário celestial

Segunda vinda Segunda vinda e juízo executivo (Dn 2:45)

A reconquista do domínio perdido

Para dominar este planeta, Satanás foi para o jardim do Éden enfrentar Adão e Eva, com o objetivo de vencê-los e tornar-se o seu príncipe governante. Atacou primeiro a Eva, desafiando-a em relação à compreensão e o uso correto da sua liberdade de escolha, conseguindo vencê-la. Então, usou-a para vencer Adão.

Como o plano da salvação foi estabelecido e *“conhecido antes da criação do mundo”* (1Pe 1:20, NVI), ele é a garantia de que o mau e errado uso do livre arbítrio, não seria uma surpresa imprevista pela presciência do Deus eterno, mas traz em si a inquestionável certeza para a solução do problema.

Assim que foi ungido em Seu batismo com plena autoridade e poder para executar a Sua missão de reconquistar este planeta perdido para o domínio de Satanás pela derrota de Adão, Jesus confrontou-o no deserto da tentação: *“a seguir, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”* (Mt 4:1, NAA).

O profeta Isaías vaticinando o confronto de Jesus com Satanás, predisse-o com essas palavras: *“será que alguém pode tirar o despojo de um valente? Será que os presos podem fugir do tirano? Mas assim diz o Senhor: ‘certamente os presos serão tirados do valente, e o despojo do tirano será resgatado, porque eu lutarei contra os que lutam contra você e salvarei os seus filhos. [...] Então toda a humanidade saberá que eu sou o Senhor, o seu Salvador e o seu Redentor, o Poderoso de Jacó’”* (Is 49:24-26, NAA).

Quando um exército quer reconquistar um território perdido em uma batalha, não fica na retaguarda esperando que o inimigo ataque, mas lança poderosa operação ofensiva contra o inimigo.

Nesse contexto, assim que Jesus foi investido com autoridade, marchou ao encontro do inimigo, tomando a iniciativa para o confronto no campo de batalhas, para a reconquista do domínio perdido, controlado pelo poder de Satanás, e libertar os prisioneiros acorrentados pelas algemas do pecado, *“do poder dos violentos”* (Is 49:24, NVI).

“Quando Jesus foi levado ao deserto para ser tentado, foi levado pelo Espírito de Deus. [...] Momentosos eram, para o mundo, os resultados em jogo no conflito entre o Príncipe da Luz e o líder do reino das trevas. Depois de tentar o homem a pecar, Satanás reclamou a Terra como sua, e intitulou-se príncipe deste mundo. Havendo levado os pais de nossa raça à semelhança com sua própria natureza, julgou estabelecer aqui seu império. Declarou que os homens o haviam escolhido como seu soberano. Através de seu domínio sobre os homens, adquiriu império sobre o mundo. Cristo viera para desmentir a pretensão de Satanás. Como Filho do homem, o Salvador permaneceria leal a Deus. Assim se provaria que Satanás não havia adquirido inteiro domínio sobre a raça humana, e que sua pretensão ao mundo era falsa. Todos quantos desejassem libertação de seu poder, seriam postos em liberdade. O domínio perdido por Adão em consequência do pecado, seria restaurado” (DTN, 114, 115).

Entretanto, como o conflito envolve o Reino de Deus e o “suposto” reino de Satanás, Jesus não se aventurou por deliberação própria para o território do inimigo, mas foi conduzido pelo Espírito

Santo (Mt 4:1), demonstrando evidente e inquestionável de que a Trindade e os exércitos do Céu estão envolvidos no conflito: “e *anjos vieram e o serviram*” (Mt 4:11, NVI).

Gênesis 3:15 com frequência é lembrado como a promessa do Redentor. Mas poucas vezes a sua mensagem é citada para lembrar a declaração de guerra de Deus, entre Cristo e Satanás, no grande conflito espiritual para resgatar o homem da tirania de Satanás. Deus disse: “*porei inimizade entre você (Satanás) e a mulher, (a igreja), entre a sua descendência (filhos da desobediência, da ira, das trevas) (Ef 2:2, 3, e 5:8), e o descendente dela*” (da igreja: primeiro, Cristo, o seu único e verdadeiro fundamento, e também os que aceitam a Sua soberania): “*Porque no passado vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz*” (Ef 5:8, NAA).

Adão e Eva foram vencidos na primeira batalha das tentações. Tinham à sua disposição o jardim inteiro repleto de árvores com frutos lindos, saborosos e agradáveis ao paladar. A curiosidade foi induzida para a desconfiança; a desconfiança alimentou a ambição; a ambição conduziu para o orgulho e o orgulho manifestou-se em desobediência às amorosas, sábias e justas orientações de Deus, culminando com o pecado, na transgressão da ordem de Deus.

Defrontando Jesus em seu “suposto” território, Satanás desafiou-O em Sua filiação divina para satisfazer as necessidades de Sua natureza humana. Jesus não estava no jardim por Ele criado, com superabundância de alimentos para prover energia e vigor, mas no deserto, produto da atuação de Satanás, desafiando-O para provar o seu poder criador, transformando as duras rochas em pão.

“Satanás viu que, ou venceria, ou seria vencido. Os resultados do conflito envolviam demasiado para ser confiado aos anjos confederados. Ele próprio devia dirigir em pessoa o conflito. [...] Cristo se tornou o alvo de todas as armas do inferno” (DTN, p. 116).

Derrotado em seu primeiro ataque, Satanás desafiou a humanidade de Jesus, para depositar inteira confiança nas promessas de Deus, citadas em um contexto fora da realidade do relacionamento correto com Deus. Jesus colocou a verdadeira condição das promessas de Deus, desarmando e destruindo completamente esse ataque de Satanás.

Mas Satanás não desistiu e desafiou a Jesus em relação a Sua submissão à vontade de Deus, oferecendo uma solução muito mais fácil para o cumprimento de Sua missão. *“A missão de Cristo só se podia cumprir por meio do sofrimento. [...] Cristo poderia livrar-Se do terrível futuro mediante o reconhecimento da supremacia de Satanás”* (DTN. P. 129).

Satanás propôs a Jesus a inversão dos valores. Daria por encerrado o grande conflito, se Jesus concordasse tornar-Se o seu vassalo: *“Quando o tentador ofereceu a Cristo o reino e a glória do mundo, estava propondo que Ele renunciasse à verdadeira soberania do mesmo e mantivesse o domínio em sujeição a Satanás”* (DTN, p. 130).

Nas duas primeiras tentações, Jesus questionou as propostas de Satanás. Mas quando Satanás propôs corromper a dignidade e o respeito do ato de adoração, com a ousada e insolente oferta de o Criador submeter-Se à criatura, Jesus o expulsou de Sua presença, ordenando: *“retira-te Satanás! Pois está escrito: ‘Adore o Senhor, seu Deus, e só a ele preste culto’”* (Mt 4:10, NVI).

“Jesus repousava na sabedoria e força de Seu Pai celeste. [...] O mesmo se pode dar conosco, A humanidade de Cristo estava unida a divindade; estava habilitado para o conflito, mediante a presença interior do Espírito Santo” (DTN, p. 123).

Quando Jesus ordenou a Satanás que se retirasse, *“a divindade irradiou através da humanidade sofredora. Satanás foi impotente para resistir à ordem. Torcendo-se de humilhação e raiva, foi forçado a retirar-se da presença do Redentor do mundo. A vitória de Cristo fora tão completa, como o tinha sido o fracasso de Adão” (DTN, p. 130).*

O grande conflito estava decidido. As posições ficaram definitivamente estabelecidas. Nos confrontos posteriores até a gloriosa manhã da ressurreição de Jesus, Satanás usou todas as ciladas e artimanhas para reverter a sua derrota, mas o segundo Adão continuou triunfante em Sua missão como o Redentor de pecadores, e preparando o caminho para a destruição e aniquilamento de Satanás, seus demônios, pecadores rebeldes e o pecado, como o Príncipe do Céu.

O apóstolo Paulo, com palavras poderosas e decisivas descreve o momento paradoxal da vitória de Jesus sobre Satanás: *“E, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2:15, NVI).*